

Politicamente correto e identidade em *A Marca Humana*, de Philip Roth

Paulo Nassar

Universidade de São Paulo (Professor titular), Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil
ORCID 0000-0002-2251-9589

Caio Henrique Trentini Urbano

Universidade de São Paulo (Mestrando em Ciências da Comunicação), Escola de Comunicações e Artes, São Paulo, SP, Brasil
ORCID 0009-0007-6601-3495

Resumo

Esta resenha trata do romance *A Marca Humana*, do autor norte-americano Philip Roth, publicado no início deste milênio. A leitura da obra possibilita duas perspectivas pertinentes à condição contemporânea, que são abordadas ao longo do texto: a questão da identidade das personagens centrais do romance e o politicamente correto, estopim da história narrada.

Palavras-chave

Narrativas; Philip Roth; Identidade; Politicamente Correto.

Resenha

Quando Bill Clinton foi acusado publicamente de manter relações sexuais com Monica Lewinsky, estagiária da Casa Branca no final dos anos 1990, a opinião pública norte-americana virou as costas ao então presidente e condenou suas atitudes libidinosas, que lhe renderam a fama de viciado em sexo (1998). Por conta de seu caso extraconjugal, Clinton chegou a ter seu *impeachment* decretado pela Câmara dos Deputados dos Estados Unidos, em uma decisão que foi revertida pelo Senado Americano.

Neste período, que compreende desde a acusação de Lewinsky, em fevereiro de 1998, ao julgamento de Clinton no Senado, em dezembro daquele ano, Philip Roth,

prolífico e consagrado autor estadunidense, acabara de publicar *Pastoral Americana*, o primeiro dos romances que compõem a posteriormente denominada *Trilogia Americana*, composta também por *Casei com um Comunista*, publicado em 1998 e *A Marca Humana*, lançado em 2000.

A classificação dos livros como componentes de uma trilogia não aconteceu por acaso: as três obras retratam diferentes eras da sociedade norte-americana no pós Segunda Guerra Mundial. *Pastoral Americana* trata da erupção da Guerra do Vietnã, nos anos 1960, e suas consequências na cultura estadunidense. *Casei com um Comunista*, por sua vez, se volta para a era da caça aos comunistas, no Macarthismo dos anos 1950. Enquanto *A Marca Humana* tem como pano de fundo justamente a condenação pública de Bill Clinton por seus atos sexuais com a jovem Monica Lewinsky.

Philip Roth se viu envolto pela “tirania puritana” — palavras indicadas na sinopse da edição brasileira, da editora Companhia das Letras (2002) — que se apoderava dos Estados Unidos. O autor, na época já conhecido por suas obras com temáticas sexuais, como em *O Complexo de Portnoy* e *O Teatro de Sabbath*, nos quais deixa claro, por meio de seu alterego narrador, Nathan Zuckerman, sua posição a respeito do escândalo Lewinsky. Nathan sonha que a Casa Branca deveria receber uma faixa com letras garrafais que diriam “aqui mora um ser humano” (Pierpont, 2015, p. 343), após as acusações a Clinton.

Ora, se Roth se revoltou com a condenação pública de Clinton por seus atos, na sua visão, comuns a todos os humanos, ele não se deixou levar por esse sentimento em seu ofício de escritor. Ao invés de tratar especificamente do caso que deu origem àquele sentimento julgador, Roth deu vida a uma história diferente, localizada não em Washington, mas numa pequena cidade universitária, que abrigava a ficcional Universidade Athena.

A trama de *A Marca Humana* tem como personagem principal o professor Coleman Silk, septuagenário, judeu, decano da Universidade e docente de letras clássicas. Durante uma aula, ao fazer a chamada, Silk se defronta com dois alunos que não marcaram nenhuma presença até aquele dia. O professor, então, pergunta se esses dois sujeitos — que até então ele nunca havia conhecido — são reais ou apenas *spooks*

(fantasmas, na tradução direta para a língua portuguesa). A partir daí, sua reputação, sua carreira e até mesmo seu casamento estão arruinados.

A frase, apesar de inocente e despreziosa, foi o estopim para a derrocada de Silk na tirania puritana romanceada por Roth. O porquê? A palavra *spooks*, além do sentido de “fantasmas” empregado pelo professor, tem na língua inglesa um significado que remonta à escravidão: um termo pejorativo utilizado por brancos para se referirem a pessoas negras. E, por um infeliz advento do destino, os alunos assim chamados eram negros.

Este equívoco interpretativo deu origem à perseguição da qual o professor fora vítima na universidade. Não só por parte dos alunos, Silk se viu também no centro de um julgamento realizado por seus próprios pares. Alguns por retaliação, outros por ambições de carreira ou até mesmo por desejo sexual reprimido — como no caso de uma professora de origem francesa que lecionava na Universidade —, seus colegas se transformaram em seus algozes.

Como se não bastasse essa acusação, Silk enfrenta também outro julgamento público. Nesse caso, de cunho sexual. Ele estava se envolvendo amorosamente com uma mulher muito mais jovem: Faunia Farley. Analfabeta, 34 anos, trabalhava como faxineira na Universidade em que Silk fora decano. Assim, para além da pecha de racista, o professor se depara também com a acusação de abusador, que se valia de sua elevada instrução acadêmica, seu importante *status* docente e sua boa condição financeira para se aproveitar de uma mulher humilde e muito mais jovem.

A história de Silk, como é comum na produção literária de Philip Roth, é narrada por Nathan Zuckerman — como mencionado, o alterego do autor. Zuckerman foi procurado por Silk, após sua derrocada pública e a morte de sua mulher — atribuída por ele ao julgamento e ostracismo sofridos pelo casal. A princípio, Nathan recusa o pedido do ex-professor e ex-decano, já que a história lhe parecia mais panfletária do que exatamente literária.

Entretanto, é aqui que Zuckerman se engana. A trajetória de Silk estava longe da impressão de simplicidade que a abordagem do professor havia indicado ao narrador. O que surge, então, é uma polifonia de personagens complexos, ambíguos e sofredores, ao melhor estilo de Philip Roth.

O ponto de virada que divide uma história panfletária — a acusação de uma injustiça — e um enredo digno de um romance se dá quando o narrador descobre que o judeu Coleman Silk era, na realidade, um negro de pele clara. Na sociedade americana, diferentemente da brasileira, a consideração racial é profundamente ligada às origens ancestrais, em detrimento da aparência fenotípica ou ao tom de pele. Assim, mesmo que de pele clara, um indivíduo é negro se assim forem seus ancestrais, sua genética.

A recusa de Silk em assumir sua origem étnica partiu de um ponto de vista especialmente americano: a liberdade individual e a possibilidade de ser independente, de se desenvolver por si só e de viver como bem quiser. Ainda na sua juventude, enquanto se reconhecia como um homem negro, Coleman sentiu que sua vida seria prejudicada pelo preconceito racial, e decidiu que não iria enfrentá-lo. Após um episódio de racismo, veio a decisão derradeira: o rompimento definitivo com sua família e sua aparição pública enquanto homem judeu, que se casou com uma mulher também judia, e que vivia de acordo com a cultura judaica.

É interessante notar que, na escolha independente de sua nova identidade, Silk não escapou — consciente ou inconscientemente — da perseguição e do preconceito, ao passo que os judeus também constituem um grupo minoritário, perseguido e estigmatizado. A personagem de certo modo se desvencilhou de um destino determinado pela sua etnia, mas não foi capaz de fazer parte de uma cultura dominante na sociedade americana.

Além de colocar na mira dos holofotes o politicamente correto e a tirania de um pensamento moralista, que inspiraram inicialmente esse projeto literário de Philip Roth a partir do caso Lewinsky, a obra se volta especialmente para as questões que envolvem a identidade na cultura norte-americana do final do século XX. Não só em Coleman Silk, mas também em outros personagens, como Faunia e seu ex-marido, Lester Farley, a formação do sujeito é complexa, proveniente de um embate de forças externas da cultura, que moldam o indivíduo apesar de seus desejos pessoais.

Faunia Farley, a mulher mais jovem com a qual Coleman está se relacionando, é mais uma representante da indelével força do mundo exterior e da impotência do sujeito — tema recorrente nas obras de Roth. Nascida em uma família rica, Faunia sofria constantes abusos sexuais de seu padrasto e fugiu de casa. Sem completar seus estudos,

se mudou para uma cidade pequena no interior dos Estados Unidos — como numa paisagem retratada por Grant Wood — e se casou com o fazendeiro Lester, um veterano da Guerra do Vietnã.

Perseguida por Lester após a morte de seus dois filhos em um incêndio, Faunia se refugia em seu pretenso analfabetismo e ignorância, que na realidade também são uma escolha pessoal. Enquanto passa seu tempo livre convivendo com corvos, animais que admira por sua capacidade de se alimentar de lixo e carniça, Faunia reafirma a marca humana desvelada por Roth e intrínseca a todos nós.

Do mesmo modo, a agressividade persecutória de Lester também é fruto das condições que o cercam. Sua experiência na guerra foi determinante para sua personalidade paranóica. Em uma das cenas mais marcantes da obra, a personagem é convidada por um grupo de veteranos para um jantar em um restaurante asiático. O ambiente é pretensamente ideal para enfrentar os traumas decorrentes do conflito no Oriente. Nas páginas em que Roth descreve os sentimentos de Lester defronte à cultura do seu antigo inimigo mortal, a atitude afrontosa do veterano se transmuta na ansiedade e no ódio que devem ser contidos em prol do bom relacionamento dentro do restaurante e na necessidade da convivência pacífica com aquela cultura.

A ressignificação da identidade dos personagens após momentos de adversidade — o caso de racismo com Silk, o abuso sexual, a morte dos filhos com Faunia e os traumas do pós-guerra com Lester — são os desafios característicos que marcam a literatura de Philip Roth. Enquanto alguns deles conseguem de fato transformar sua autoconsideração e seu lugar no mundo, como acontece com Coleman, outros procuram abrigo na ignorância consciente, como Faunia. E, em alguns casos, essa tentativa de transformação é impossível, como ocorre com Lester.

Dessa forma, além da dimensão crítica ao politicamente correto e ao moralismo que originaram a derrocada de Coleman Silk, a leitura de *A Marca Humana* dá lugar a reflexões acerca da formação do indivíduo na cultura que o cerca e representa a vontade de transformação do próprio sujeito: o desejo de independência perante o mundo exterior — que, na realidade, é o próprio fundamento da substância individual.

Na sociedade contemporânea, a primeira dessas reflexões, acerca do politicamente correto, se torna cada vez mais relevante, principalmente no contexto da

cultura do cancelamento. Tanto nos casos em que acusações públicas se baseiam em mentiras — ou em falsas interpretações, como ocorrido com Silk — quanto no próprio *zeitgeist* do nosso tempo, profundamente atento às atitudes e posicionamentos, públicos ou privados, das pessoas que nos cercam.

Ao mesmo tempo, não se pode pensar que essa vigilância social — ou essa histeria puritana — que se vê na contemporaneidade e se via nos Estados Unidos da América em 1998 — é incompreensível. Entretanto, também não se pode esquecer dos lembretes que Philip Roth sempre faz questão de frisar: a impotência do indivíduo perante a realidade que o cerca, a incapacidade do que de fato acontece realmente ser conhecido, o potencial fracasso mesmo quando o objetivo é o sucesso, a impossibilidade de fuga do mundo exterior e a visita inexorável da marca humana, que sempre se faz presente.

Referências

LEVIN, Jerome. **The Clinton Syndrome: The President and the Self-Destructive Nature of Sexual Addiction**. Prisma Lifestyles, 1998

PIERPONT, Claudia. **Roth Libertado: o escritor e seus livros**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015

ROTH, Philip. **A Marca Humana**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002

Political Correctness and Identity in *The Human Stain*, by Philip Roth

Abstract

This review discusses the novel *The Human Stain* by American author Philip Roth, published in the early 2000s. Reading the work offers two interesting perspectives on the contemporary condition, which are explored throughout the text: the issue of identity in the novel's central characters and moralism, which serves as the catalyst for the story.

Keywords

Narratives; Philip Roth; Political Correctness; Identity.

Como citar

URBANO, Caio H. T. Politicamente correto e identidade em A Marca Humana, de Philip Roth. **Interfaces da Comunicação**, [S. l.], v. 1, n. 3, 2024, p. 1-7.

Recebido em: 1/7/2024.

Aceito em: 1/8/2024.

